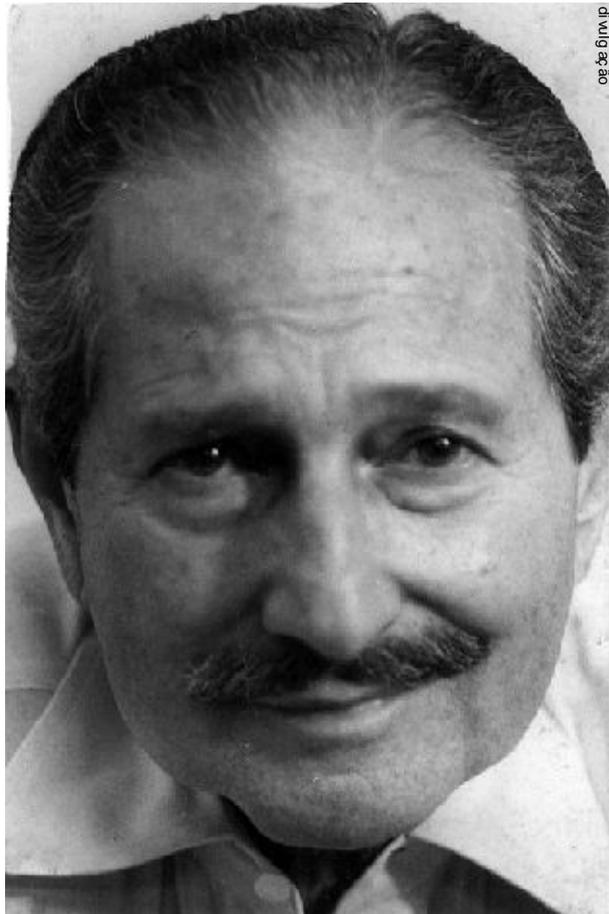


LEBRANDO JORGE MEDAUAR

Paulo Nathanael Pereira de Souza

Aquela figura humana meio atarracada, mas sempre a sorrir pelos lábios e pelos olhos, que conheci na roda paulista da inteligência e chopp no Bar da Brahma, e que reunia Edgard Cavalheiro, Fernando Góis, Ricardo Ramos, Antonio Rangel Bandeira, entre outros, impressionou-me pela humildade e pela capacidade que tinha em só intervir na conversa, no momento certo e com uma pertinência impar no usados argumentos. Era o Jorge Medauar, nascido em Itabuna, mas adotado por São Paulo, e que, tinha o orgulho em ser amigo fraterno de Jorge Amado, e de merecer sua irrestrita inclusão no grupo de escritores de que se aproximasse, quer na Paulicéia, quer no Rio, quer na Bahia. Escrevia como falava: com espontaneidade de pensamento, correção gramatical e senso crítico nas apreciações temáticas, sempre a despertar a admiração e o aplauso de leitores e interlocutores. Morava eu então na longínqua e precária cidade interiorana de Tupã, onde criara e presidia o Centro Cultural “Mário de Andrade”, que se afamou na Alta Paulista por hospedar escritores e artistas da Capital, que lá iam pronunciar conferências, abrir exposições de pintura ou executar inesquecíveis saraus musicais, no auditório sempre lotado do Tênis Club local. Até a nossa lindíssima Lygia Fagundes Telles por lá andou, a meu convite, nos anos cinquenta, fazendo um sucesso danado (à falta de hotéis decentes, internei-a no melhor apartamento do Hospital São Francisco, onde dormiu segura e confortavelmente por uma noite!).



Jorge Medauar

Quando, por força de minha carreira como educador, vim para São Paulo, estreitei os meus vínculos de amizade com os referidos chopeiros, em especial, com o Medauar, de quem já havia lido: “Água Preta”, uma pequena obra prima contendo gente e paisagem de sua infância itabunense, e os livros de versos, onde o poeta expunha a alma de sonhador, amante e

revolucionário, como é de esperar-se dos poetas verdadeiros dotados de talento expressional e missão lírica inescapável. Havia noitadas na casa do Brooklin, aquele sobrado acolhedor, onde a Odete, sua mulher, exercia um outro tipo de talento: alegria em receber os amigos de Jorge e em cativá-los com sua refinada culinária árabe. Eram madrugadas sem fim, que

reuniam intelectuais e outros nem tanto (políticos, gente de governo e empresários), para falar de assuntos sérios e de fofocas do dia a dia.

Assumi, certa vez, a presidência do CENAFOR, uma fundação internacional, vinculada à OIT de Genebra, e levei comigo o Jorge, como chefe de imprensa e companheiro de almoços, papos e viagens. Lá convivemos por três ou quatro anos, até que um presidente da República, entre algumas bobagens que fez durante seu mandato, resolveu extinguir a Fundação (grande prejuízo para a educação dos trabalhadores) a título de fazer economia, e durante algum tempo, perdi contato com Jorge. Nesse ínterim, tive que viajar para Salamanca, e levei no bolso um poema seu de despedida, onde a graça dos versos e o carinho do amigo se revelavam em toda a sua força comunicativa. Quando voltei, um mês depois, soube de sua morte – de há muito, que sofria de problemas cardiorrespiratório – e pude imaginá-lo, como sempre, com seu sorriso terno e triste e seus olhos luminosos e ricos da sabedoria infusa, que foi sua, e também de seu xará e nosso amigo comum, o Jorge Amado.

Estas reminiscências me assaltaram, com a leitura que fiz da matéria sobre o Medauar, de autoria de um xará meu (Nathaniel Braia), que infelizmente não conheço, e publicada no jornal “Linguagem Viva”, do mês de janeiro de 2014.

Paulo Nathanael Pereira de Souza é membro da Academia Paulista de Letras - cadeira 12 - e Presidente da Academia Cristã de Letras.

Mensagem do Leitor

Estimada editora,

Luz e Paz.

Gostei do editorial do *Linguagem Viva* n° 293, janeiro 2014, página 02 que fala do incentivo à leitura nos presídios para redução da pena.

Parabenizo o titular da Vara de Execuções Penais da Comarca de Várzea Grande, por ter sido o primeiro a ter coragem de enfrentar a burocracia e colocar a portaria para funcionar que não ficou apenas no papel. Digo isso porque logo que o TJ-SP aprovou a mesma ideia vinda do juiz assessor da Corregedoria Geral de Justiça em São Paulo, eu entrei em contato com a direção da unidade, na qual estou cumprindo pena e obtive um não como resposta.

Na época eu estava no regime fechado da Penitenciária II de Tremembé - SP, agora estou no regime semiaaberto, porém, sou presidente-fundador da ALACRE - ACADEMIA DE LETRAS, ARTES E CULTURA RENOVAÇÃO DA ESPERANÇA e do projeto *Paz e Luz* que era um grupo que estudava trovas e migrou para a ALACRE. Nós temos o apoio do diretor geral e a supervisão fica a cargo de um funcionário, idealizador dos projetos, que também acredita na ressocialização por meio da Cultura.

Mas, infelizmente, o apoio não é da maioria, pois são poucos os funcionários que apoiam.

Nosso trabalho pode ser visto no site da SAP - SECRETARIA DA ADMINISTRAÇÃO PENITENCIÁRIA - www.sap.sp.org.br.

Inclusive foi através de um dos nossos trabalhos que tomei conhecimento do jornal *Linguagem Viva*, que foi distribuído junto com o jornal *Plástico Bolha* e outras revistas literárias.

Gostei também das matérias que você vêm publicando sobre a Aldravia, que tomei conhecimento pelo jornal e agora sou membro efetivo da SOCIEDADE DOS POETAS ALDRAVIANISTAS.

Estou enviando a capa do meu primeiro livro, escrito no cárcere, que é de trovas esportivas e fala das glórias do Corinthians satirizando os adversários. Meu time! Está à venda no blog: www.wmota.zip.net.

O meu 2º livro é de poesias e está no prelo.

Se você puder divulgá-lo no *Linguagem Viva*, fico-lhe muito grato e feliz.

Aproveito a oportunidade para parabenizá-la pelos feitos em prol da Literatura e da Cultura no geral.

São Paulo, 24 de fevereiro de 2014.

WMota - Valter Rodrigues Mota



Espelhos partidos

Rodolfo Konder

Olhas pela fresta daqueles tempos de morcegos e carambolas. Joaquim, o "Quim", cultivava um quisto supurado na bochecha, porque conseguia expelir, pela ferida aberta, a fumaça do cigarro filado. Tornar-se uma atração, na ensolarada Nascimento Silva; por isso, a partir de um momento de ganância, passou a cobrar "cincão", pela demonstração daquela estranha habilidade. O "Gordo", na Praça da Paz, era mais modesto: cobrava "três paus" para vomitar, a qualquer hora do dia ou da noite.

Nos dias de chuva, a água corria junto ao meio-fio, carregando estremunhados barcos de papel, que logo desapareciam na boca escancarada das gárgulas. A chuva cessava, os meninos ressurgiam, aos poucos, atraídos por um assovio comum.

A fresta se abre para a generosa casa do Paulo "Gordo", com suas irmãs louras e cobiçadas, a mesa farta dos domingos, as árvores cobertas de carambolas, no fundo do quintal. Na porta de entrada, junto à calçada, Ivan e Vivaldo se atracaram, um dia, pelo amor da mais velha das irmãs.

"Zé Palito" morava com os pais e a irmã na última casa de uma pobre vila próxima. O banheiro era comum a todas as casas. Ali, na volta da praia, ele e a irmã se agarravam e se chupavam. Gabava-se disso, para o espanto – e por que não admitir? – a inveja da meninada.

Olhas cada dia com mais frequência pela janela que se de-bruça sobre aqueles dias de areias imaculadas e paixões devastadoras. Cultiva o prazer de mergulhar novamente nas águas geladas do rio Azul, em Itatiaia; cavalgar pela estrada de terra; dançar à noite, na varanda, sentindo o calor e o perfume dela, a primeira namorada.

Mais além, na rede da casa dos teus avós, em Teresópolis, no sorvete de coco junto à estação do trem, na água da Fonte dos Amores, redescobres a amizade do irmão, prólogo de tantos capítulos. Um sapo, atingido pela surpreendente flechada do arqueiro inábil, arrastou-se sob as plantas até a caverna do centro da praça, para morrer. Na estação onde trocavam as locomotivas, comia-se um pastel que

ameaçava levitar. Teu avô viajava com um inusitado avental – e todos o reverenciavam, como médico da estrada de ferro.

A praia tinha as cores da infância. Ipanema, antes das bebidas em lata e do carro popular, lembrava o paraíso antes do pecado. As ruas de terra, Sinhô e os capoeiristas, os barbeiros com máquina manual, os grotões do Arpoador, o Samarangue, onde Sérgio "Macaco" mergulhava como uma gaivota.

A casa do amigo Heitor Simões de Oliveira, em Araras, foi cenário de liberdade, da mesma forma que o sítio dos pais do José Monte, em Piquete. O grupo da Nascimento Silva – Paulo Saboya, Renato Cláudio Ribeiro, Luiz Fernando Pinto da Veiga, Carlos Roberto Estrella – jogava sinuca no bar do Zé. À noite, conversávamos com as meninas, na esquina da Monte Negro. E aos sábados, sempre na casa de uma delas, tínhamos um empolgante "arrasta-pé". *Mister Sandman* era a tua música com Luci.

Olhas pelas fendas abertas, que parecem se alastrar com o passar das semanas. Abrem-se os flancos da memória, para que avance a tua inofensiva guarda.

Em Petrópolis, multiplicou-se, certa época, a presença dos tios. Na casa de Evandro e Musa comia-se bem, principalmente nas festas. Brincavas com os primos, tomavas banho de piscina no Alto da Boa Vista, jogavas baralho com os adultos. Teu pai procurava sempre a reflexão política, tia Musa gostava de falar sobre literatura. Ambos se apagaram, como aquele sol a beira d'água, que ainda aquece tuas reminiscências.

Está cada vez mais difícil retornar de lá, das areias antigas e das presenças perdidas. A cada mergulho, a volta à tona parece mais árdua. Mas há um fascínio nesta vertigem. Logo estarás para sempre aprisionado em alguma esquina de outro tempo. Num bar ou num museu, na estrada que desce de Santiago para Viña del Mar, numa tempestade de neve nas montanhas Laurencianas, num *shopping* de Toronto, nas vertentes de um passado que empurra para a morte. Então, serás todo passado.

Rodolfo Konder é escritor, jornalista, diretor da Associação Brasileira de Imprensa em São Paulo e membro do Conselho Municipal de Educação.

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade mensal - Site: www.linguagemviva.com.br
 Editores: Adriano Nogueira (1928-2004) e Rosani Abou Adal (MTE: 18194)
 Rua Herval, 902 – São Paulo – SP – 03062-000
 E-mail: linguagemviva@linguagemviva.com.br
 Publicidade: Rosani Abou Adal – Telefax: (11) 2693-0392
 CGC: 61.831.112/0001-62 – CCM: 96954744 – I.E.: 113.273.517.110
 Distribuição: Encate no jornal *A Tribuna Piracicabana* distribuído em livrarias, faculdades, professores, escolas, escritores, entidades, assinantes, espaços culturais e bibliotecas.
 Impresso nas oficinas de *A Tribuna Piracicabana*
 R. Tiradentes, 347 – Piracicaba – SP – 13400-760

Ilustrações, selos e logo de Xavier - www.xavi.com.br
 Os artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores.
 O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.

O POETA MENOTTI DEL PICCHIA

Caio Porfírio Carneiro

Eu o conhecia de encontros rápidos, quando ele comparecia a eventos na sede da UBE. Troca carinhos e palavras e um respeito quase religioso de minha parte para com aquela figura que era uma lenda nacional.

Um dia ele me aparece na secretaria da entidade e me pergunta se eu poderia após então-lo como escritor. Soubera que eu andara consanguinando isto para outros com sucesso. Uns seguiam-se aos outros.

Foi a primeira conversa longa que mantive com o poeta. Foi meu primeiro contato direto com aquela criatura humaníssima. E foi, a partir de então, um nunca acabar e idas e vindas, eu e ele, por repartições, corredores e filas do INSS.

Uma jovialidade, apesar dos seus quase oitenta anos, que eu invejava.

Certa vez, na fila enorme, que não andava nunca, na repartição do INSS, à Rua Martins Fontes, à espera de uma nova carteira de trabalho, aproximou-se de nós um funcionário e mostrou-se pouco cortês, examinando papéis: "O senhor não tem um cartório?" "Tenho." "E para que quer se aposentar como escritor?"

Menotti abriu o riso, um riso meio irônico: "Meu filho, quem tem direito a esse dinheiro da aposentadoria, eu ou o governo?" "Bem ..." "Bem ou mal, meu filho,

o dinheiro é meu. Por isto trate de desembaraçar os meus papéis, porque vim buscar só o que me pertence."

O rapaz saiu murcho e eu me virei: "Menotti, o cartório não está com o seu filho?" "Caio, vou lá dar explicações a esse rapaz. O dinheiro não é meu? Acabou."

Nes mesma repartição, outra ocasião, um calor dos diabos, gente que não acabava mais, alguém gritou: "Paulo Menotti Del Picchia!".

Aproximamo-nos. O funcionário pediu que o seguissemos. Abriu uma porta: "O chefe quer falar com o senhor."

Entramos na sala. Veio lá de trás de uma carteira larga um homem robusto e curioso: "Mas o senhor é mesmo o poeta Menotti?" "Sou".

O homem afligia-se: "Venha, venha, doutor Menotti. Sente-se aqui. Não precisava o senhor ficar na fila".

Chamou alguém, quase aos berros. Aproximou-se uma moça e ele ordenou que tudo fosse desembaraçado imediatamente. Insistia, áspero: "Logo, ou viu? Logo."

E voltava a lamentar: "Mas o senhor na fila... no meio dessa multidão..."

E Menotti: "E onde eu deveria ficar?"

O chefe curvou-se sobre a mesa, olhou os outros funcionários que trabalhavam, sussurrou: "Posso dizer uma coisa para o senhor?"

Menotti até se espantou: "Claro."

E o homem, voz trêmula, declamou baixinho um trecho do Juca Mulato, poema de Menotti, que ouviu calado e risonho, os olhos buliçosos por trás dos óculos traduzindo um a incontida emoção.

E assim acontecia. Quando ninguém o identificava, esperava e esperava beneditinamente nas filas. Quando era descoberto por algum funcionário do INSS, o que acontecia frequentemente, tudo corria fácil, vinha até cafezinho. E Menotti não se alterava, aceitava tudo com a maior paciência e bonomia. Mas eu aprendi a lição. Era entrar numa fila, eu me aproximava do balcão: "Quero falar com o chefe da seção. É muito importante."

Ele vinha ou me chamava e eu me valia da arma poderosa: "Está aí o poeta Menotti Del Picchia. Será que podia ..."

A resposta vinha logo: "Mas claro. Cadê ele?"

O poeta não se valia do seu cartaz. Valia-me eu do cartaz dele.

No dia em que recebi o documento final de aposentado, pegou-me no braço e falou-me ao ouvido: "Vou lhe gratificar bem."

Falei que não precisava, era trabalho da UBE. Eu receberia, quando muito, uma garrafa de uísque. Mas Menotti, para minha surpresa, mostrava-se bem informado: "O Judas Isgorogot lhe deu uísque, não foi? Maria José Dupré vai lhe dar um presente."

Acerta altura, a escritora Maria José Dupré juntou-se ao Menotti e eu aposentei os dois.



Menotti Del Picchia

E uma tarde ele entrou na secretaria da UBE e me entregou um envelope: "Tom e. Abra depois."

Conversou um a etemidade. E eu louco para abrir o envelope.

Foi ele sair e eu rasgá-lo. Lá estavam uma carta carinhosa, poucomais que um bilhete, com as palavras mais doces e amigas que já recebi na vida, e um cheque de valor tão inesperado que arregalei os olhos e caí na cadeira, surpreso.

Foi a única vez que recebi dinheiro por esse meu trabalho.

Esse belo poeta, figura de desta que entre os organizadores da Semana de Arte Moderna de 1922, e essa grande criatura humana, deixou-nos em 1988, aos noventa e seis anos de idade.

Caio Porfírio Carneiro é escritor e membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

Débora Novaes de Castro



Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS - CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO - COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA - MARES AFORA...

Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...

Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO

Haicais: SOPRAR DAS AREIAS - ALJÔFARES - SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS - 100 HAICAIS BRASILEIROS



Poemas: II Antologia - 2008 - CANTO DO POETA

Trovas: II Antologia - 2008 - ESPIRAL DE TROVAS

Haicais: II Antologia - 2008 - HAICAIS AO SOL

Opções de compra: Livraria virtual **TodaCultura:** www.todacultura.com.br
via telefax: (11)5031-5463 - E-mail: debora_nc@uol.com.br - Correio:
Rua Ática, 119 - ap. 122 - São Paulo - SP - Cep 04634-040.

SONHOS

Eunice Arruda

sonho
com um poente
batendo palmas
em meu portão em
meu aniversário
sonho

com um parente

Eunice Arruda é escritora, poeta e pós-graduada em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP.

IRONIA

Alice Spíndola

Sepulto escombros,
queimo com lenha seca
agonias e desdêns.
Acordo em prisma
de sonhos & segredos.

Alice Spíndola é poeta, contista, tradutora, artista plástica e graduada em Letras Anglo-Germânicas pela Universidade Católica de Goiás.

A ARCA

Maria de Lourdes Alba

Arca carrega os frutos
Do sofrimento em tez
Acorrente trancafia
A vida se faz em fia
Desvia

Marsolto em ondas embrulham
Embalam teu corpo desvio
Achuva a fechadura enferruja
Arca um dia se abriu

Se Deus que tudo observa
Um dia a vida me deu
Na criação embutida
Um dia a arca se abriu

Maria de Lourdes Alba é escritora, poeta, jornalista, formada em jornalismo e Pós-graduada em Comunicação Jornalística. Tem poemas traduzidos para o espanhol e italiano.

Vestígios

"Mas de tudo fica um pouco" Carlos Drummond de Andrade

Dalila Teles Veras

nas trovas esparramadas
nas agendas telefônicas
nos bilhetes apressados
:
a tua caligrafia

na memória das gavetas
nas revistas porabrir
no lugar vazio à mesa
:
imaterial presença

no casaco com teu cheiro
no chocolate abocanhado
no shampoo pela metade
:
vestígios do que foi vida
irremediável ausência

Dalila Teles Veras é escritora, poeta, cronista, animadora cultural, editora e diretora-proprietária da Alpharrabio Livraria Espaço-Cultura, em Santo André (SP).

CENA MATINAL

Hilda Mendonça

Todo dia, bem cedinho
Quando a cidade acorda,
Lá vão os dois velhinhos...
Pisando de mansinho,
Com seus passos miudinhos...
O velho e a velhinha dele.
Segura o bracinho dela
Como cavalheiro à moda antiga,
Seguem juntos o caminho
Com passinhos miudinhos,
Pisando de mansinho o velho e a velhinha dele
Conversam; como conversam!
O velho e a velhinha dele
Retomam seus assuntos
De antevéspera,
Detrás anteontem,
Como se novo assunto fosse!
O velhinho e a velhinha
Seguem juntos o caminho...
Estico o meu ouvido curioso,
Querendo ouvir do que falam
A velhinha e o velhinho;
Só consigo ouvir pouquinho
Do etemo assuntinho...

DESTINO DE TODOS NÓS.

Hilda Mendonça é folclorista, contista, cronista, professora, poeta, membro do conselho do jornal *Folha da Manhã*, da Academia de Letras de Taguatinga e da Associação Nacional de Escritores.

Aldravias

Débora Novaes de Castro

1
sonhos
vales
risonhos
mares
azuis
festa!

2
amores
romãs
sonhos
d'antanho
ouro
mar!

In *O LIVRO II DAS ALDRAVIAS*, 2013, Aldrava Letras e Artes, Mariana, MG.

Débora Novaes de Castro é membro da Academia Cristã de Letras, da Academia Paulista Evangélica de Letras e Mestre em Comunicação e Semiótica: Intersemiose na Literatura e nas Artes - Dissertação: O HAICAI NO BRASIL: Comunicação & Cultura, pela Puc.

Zero Hora

Rosani Abou Adal

Sem sonhos sem sono
escuto o silêncio da noite
Zero hora
Hoje é outro dia
Ontem se foi num segundo
Parece que as horas
passaram em vão
num piscar de olhos
Os minutos voam
É de manhã o sol desperta
Não consigo dormir
nem alcançar os sonhos

Rosani Abou Adal é escritora, poeta, jornalista e vice-presidente do Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo. Tem poemas traduzidos para o francês, italiano e inglês.

Graciliano Ramos e Clarice Lispector em Fortaleza, ano 2003

Fábio Lucas

Andei a procurar antigos cadernos de anotações, após enérgico estímulo do incomparável Fernando Jorge. O invejado biógrafo referiu-se ao trabalho de Gabriel Kwak: "Das páginas do diário de bordo de Fábio Lucas" (cf. *Linguagem Viva*, S. Paulo, nº 269, set. 2013, p.6) E passou-me a segunda edição, "revista e ampliada" da obra *Vida, obra e época de Paulo Setúbal – um homem de alma ardente*.

Discutem-se os embargos antepostos pelos biografados às informações consideradas por estes indevidas ou ofensivas à boa imagem que desejam preservar. Em síntese, desejamos biografados tão-somente textos apologeticos, silenciando-se a voz crítica.

Registro, nesta breve notícia, que Fernando Jorge sempre foi um interlocutor independente. A tal ponto que se tornou um dos ramos confidentes de Carlos Drummond de Andrade, autor rudemente reservado acerca da vida pessoal. Drummond não só se abriu à curiosidade de Fernando Jorge, como permitiu que este anotasse em pequeno caderno os conteúdos das conversas. É o que se lê na obra *Drummond e o Elefante Geraldão* (S. Paulo, Novo Século, 2012).

No caso da biografia de Paulo Setúbal, após este descrever pormenorizadamente as ações heréticas dos holandeses, apontadas pelo historiador como fator de união dos portugueses, índios e negros contra elas, três grupos movidos pela fé, passa a contradizer a interpretação

espiritualista do biografado. Conclui dizendo: "...é mister salientar: um interesse mais alto que o interesse religioso estimulou essa revolta. Trata-se do interesse mercantil, econômico." (ob. cit., p. 205)

Passemos ao largo das obras de Fernando Jorge. Interessa-me aqui o reencontro comigo mesmo. Transcrevo a fortuna de minha passagem por Fortaleza no período de 15 a 18 de outubro de 2003. Há dez anos, portanto. Participei do seminário "Diálogos do Silêncio – Clarice Lispector e Graciliano Ramos". (II Seminário Interuniversitário).



Clarice Lispector

Guarda o caderno, em primeiro lugar, a tentativa de visão global da obra e da ação política de Graciliano Ramos. Depois, depoimentos lançados no calor das emoções. Reitero a admiração pelas pessoas e circunstâncias. E deixo claro o duro momento que eu atravessava. Voltei a ser otimista e a confiar nas pessoas que merecem o meu afeto. O Brasil continua em construção, é o retrato do que fomos e do que podemos modelar com a contribuição de cada um de nós.

Graciliano Ramos, em suma

Resta-nos rebuscar a modelagem contextual que cercou G. Ramos.

Da leitura dos textos autobiográficos, *Infância e Memórias do Cárcere* tiramos o sequestro da palavra ao menino e ao adulto. Sobre o primeiro imperou a cena familiar, patriarcal e fundiária. Contra o segundo operou a segregação e a censura. Ambas as situações mutiladoras visavam ao silêncio da vítima.

A interdição da palavra vem da nossa herança escravagista. Ao cativo, tornado objeto, cumpria castrar o uso tanto do corpo quanto do espírito.

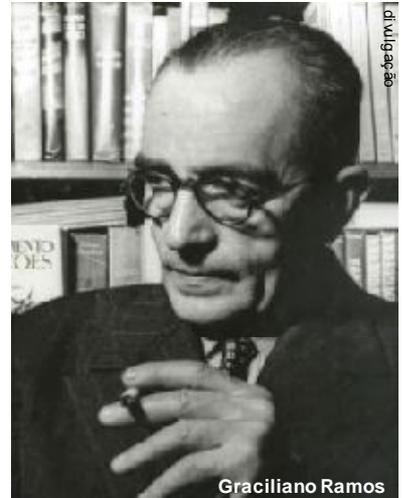
Já a censura é a arma tradicional das ditaduras, atrás das quais lateja o interesse econômico.

G. Ramos muitas vezes refere-se à sua incapacidade de diálogo e de exposição oral. Refugiou-se na escrita para traduzir o mundo interior.

A personagem Fabiano é emblemática: tem monólogos soltos, às vezes de revolta e de protesto. Mas na hora de manifestar-se ou de agir, recuava como no caso do soldado amarelo: após ser insultado, agredido e preso, quando se lhe oferece a ocasião de cortar a cabeça do agressor, retrai-se: "governo é governo", monologa. Mas, na sua irresolução, dá suporte à ética da dominação.

Ao prestigiar a "lei", "o governo", remonta à *cultura gramaticalizada*, de codificação rígida.

Infância e Memórias do Cárcere relatam o suporte de uma cultura baseada no predomínio da propriedade. Representam



Graciliano Ramos

literariamente o memorialismo artístico, homólogo, na sua configuração, ao formato institucional que textualiza o capitalismo. Naquele Nordeste, de riqueza basicamente fundiária, os agentes sociais guardavam estreito enquadramento, de fluida mobilidade no espaço, mas de deslocamento viscoso, na escala social. Alta gramaticalidade, baixa textualidade.

A obra de ficção de G. Ramos não deixa de duplicar o modelo cultural, pois, no fundo, recodifica os fornecimentos culturais. Todavia, no hibridismo estilístico, consegue impor a dicção original do autor, o seu idioleto, de elevado apuro formal e enorme poder de comunicação.

Fábio Lucas é crítico literário e membro da Academia Paulista de Letras e da Academia Mineira de Letras.

Indicador Profissional



Genésio Pereira Filho

Advogado

Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 300 - cjs. 62/64
São Paulo - SP - 01318-903 - Tel.: (11) 3107-7589

LIVRARIA BRANDÃO



Compram-se bibliotecas e lotes de livros usados.

Vendem-se obras de 2ª mão, de todas as áreas do conhecimento humano.

Telefax: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 - Fax: (Todos)
Ramal 23 - São Paulo: Rua Cel. Xavier de Toledo, 234 - s/l
oldbcok@terra.com.br - www.brandaojrestantevirtual.com.br

A JUSTIÇA DOS HOMENS

Raymundo Farias de Oliveira

“Porque eu vos digo que, se a vossa justiça não exceder a dos escribas e a dos fariseus, não entrareis no reino dos céus” (Mateus, cap. 5, v.20).

O que é a justiça, a justiça dos doutores da lei e dos fariseus, a justiça formal? Os romanos nos ensinaram que a justiça é a vontade constante e perpétua de dar a cada um o que é seu. O que levou Anatole France a zombar: aos pobres, a pobreza, aos ricos, a riqueza.

O assunto ainda se arrasta e certamente se arrastará até o fim dos tempos. A justiça divina não precisa de jurisprudência. É eterna e imutável. A justiça humana é fugaz, mutável, sujeita à cabeça e ao coração de cada homem, à cultura de cada época, não raro, sujeita ao humor de cada julgador e aos relâmpagos da jurisprudência.

Não tem sido fácil encontrar o caminho que permita ao homem festejar a sabedoria romana e curvar-se à advertência manifestada pelo Messias. Aqui e acolá o ser humano se desencanta e se angustia com a justiça dos homens a ponto de “envergonhar-se de ser honesto”, como confessou Rui Barbosa na tribuna do senado.

Nos átrios da ficção, encontramos dramáticos papéis vividos por personagens perdidos nas malhas de um processo em busca de justiça. A vida retrata a ficção ou a ficção retrata a vida? Anatole France e Frans Kafka, entre outros, exploraram exitosamente esse terreno ubérrimo onde se realiza a administração das leis pelas autoridades judiciárias. O primeiro, notável escritor francês, grande contestador de sua época, certamente incomodou o “sistema” com a fina ironia destilada em sua ficção.

Vejam o que encontrei no seu conto “A justiça dos homens”, que aproveitei como título destas linhas.

Jérôme Crainquebille, pobre vendedor ambulante, descia a Rue Montmartre a empurrar o seu carrinho e a apregoar: “couve, nabo, cenoura!” quando Mme Bayard, comerciante, saiu da sua loja, apanhando desdenhosamente um molho de poró, disse:

- Não estão com boa cara os seus alhos. Quanto o molho?

- Quinze sous, freguesa. Melhores não há.

- Quinze sous, três talinhos murchos?

Eatirou o molho na carriola com um gesto de enfado.

Foi então que o agente 64 apareceu e disse a Crainquebille: Andando!

Crainquebille, nos últimos cinquenta anos, andava da manhã à noite. A ordem pareceu-lhe legítima e em conformidade com a natureza das coisas. Plenamente disposto a obedecer, ele instou a freguesa a servir-se do que lhe conviesse.

- Preciso escolher a mercadoria – respondeu azedamente a sapateira.

E apalçou de novo todos os molhos de poró, depois apanhou o que lhe pareceu melhor e o apertou contra o seio como os santos, nas pinturas das igrejas, cingem ao peito a palma triunfal.

- Vou dar-lhe quatorze sous. É mais do que vale. Vou buscá-los na loja, pois não os tenho comigo. E, sempre abraçada ao seu molho, entrou na sapataria, onde uma compradora, carregando uma criança, a tinha precedido.

Nesse momento, o agente 64 disse a Crainquebille pela segunda vez:

- Andando!

- Estou esperando o meu dinheiro – respondeu Crainquebille.

- Não estou lhe mandando esperar o seu dinheiro: estou-lhe mandando andar – retrucou o agente com firmeza.

A partir daí, as coisas foram-se complicando no conto de Anatole; a freguesa entretida em sua loja atendendo sua freguesa e o pobre verdureiro acuado na rua pelo soldado cioso do seu dever. Houve, como é natural nessas ocasiões, o infalível ajuntamento de curiosos ávidos pelo desfecho do caso e o trânsito ficou congestionado. A discussão chegou a tal ponto que o agente 64 sentiu-se desacatado e Crainquebille foi detido, processado e condenado por ter repetido a expressão usada pelo guarda: morte aos bigorrilhas!

Ao libertar-se da prisão, após cumprir a pena, o velho verdureiro encontrou dificuldades para reconstruir sua vida em liberdade.

Onde está a carrocinha? A freguesia já não lhe dispensava a mesma consideração. Começou a beber.

Expulso de sua água-furtada, dormia numa cocheira, debaixo das carroças. Chuvas torrenciais chegaram a acocheira foi inundada. Invejou a sorte dos encarcerados, que não padecem de frio nem fome, e ocorreu-lhe uma ideia: “Se já conheço o truque, porque não servir-me dele?”

E na madrugada fria, penumbrosa e deserta, saiu a caminhar até que encontrou um guardião da lei postado na calçada, nos fundos da igreja, sob um bico de gás. Chegou-se a ele e disse:

- Morte aos bigorrilhas!

Houve um longo silêncio, durante o qual caía a garoa fina e ruça e reinava a treva glacial. Por fim o guarda falou:

- Isso não se diz... Com toda a certeza, isso não se diz. Na sua idade, devia ter mais juízo... Vá seguindo o seu caminho.

- Por que não me prende? – perguntou Crainquebille.

O policial sacudiu a cabeça sob o seu capuz molhado.

- Se a gente fosse prender todos os beberrões que dizem o que não deve ser dito, seria um nunca acabar!... E de que serviria?

Crainquebille, arrasado por aquele magnânimo desdém – prossegue o contista – ficou por longo tempo, estupefato e mudo, os pés mergulhados na sarjeta. Antes de partir, tentou explicar-se:



- Não foi para o senhor que eu disse “Morte aos bigorrilhas!” Não foi para esse ou para aquele que eu disse. Foi por causa de uma ideia.

O guarda replicou com suavidade austera:

- Quer seja por uma ideia ou por qualquer outra coisa, não devia ter dito, pois que quando um homem cumpre o seu dever e suporta uma pá de contratempos, não se deve insultá-lo com palavras fúteis... Eu lhe reitero que siga o seu caminho.

Crainquebille, cabisbaixo, os braços pendidos, perdeu-se na noite sob a chuva.

Por aí se constata – não sei se a literatura de ficção imitando a vida ou a vida imitando a literatura de ficção – que cada funcionário da justiça, cada intérprete da lei, cada Doutor continua prolatando a sua sentença. Em cada cabeça uma sentença. E assim caminha a justiça dos homens...

Raymundo Farias de Oliveira é escritor, poeta, cronista e procurador do Estado aposentado.

Todo mundo adora ver uma caricatura bem feita. E bem feito pra você que ainda não tem.



www.xavi.com.br



Concursos Literários



O 9º Prêmio Off Flip Literatura está com inscrições abertas até o dia 5 de maio para as categorias conto, poesia e literatura infanto-juvenil. Premiação: R\$ 23 mil no total, estadia em Paraty, ingressos para mesas de debate da FLIP, passeio de escuna e cota de livros. Os primeiros colocados entrarão na programação do *Circuito Off Flip*, da FLIMAR - Festa Literária de Marechal Deodoro/AL - e da FLAP - Feira do Livro do Amapá. Os selecionados em conto e poesia serão publicados em coletânea. Os autores vencedores da categoria literatura infanto-juvenil firmarão um contrato de edição com o Selo Off Flip. Informações: <http://www.premio-offflip.net/>. Regulamento: <http://home.premio-offflip.net/regulamento/>

O 9º Prêmio Off Flip de Literatura está com inscrições abertas para cotas de patrocínio para pessoas físicas e jurídicas. premio.offflip@gmail.com.

O 27.º Concurso de Contos Cidade de Araçatuba, promovido pela Secretaria Municipal de Cultura, está com inscrições abertas até o dia 16 de abril. É destinado a escritores lusófonos de países que têm o português como idioma oficial, maiores de 18 anos. Os interessados poderão enviar um conto inédito digitado sob uso de pseudônimo. Premiação: 1.º lugar: R\$ 2.000,00 (dois mil reais), 2.º lugar: R\$ 1.500,00 (mil reais) e 3.º lugar: R\$ 500,00 (quinhentos reais) para os vencedores de cada uma das três categorias que também serão agraciadas com até cinco menções honrosas. Categorias: Contistas nacionais, contistas estrangeiros (mundo lusófono) e contistas regionais (região administrativa de Araçatuba). Regulamento: <http://concursodecontos.blogspot.com.br/>

Profa. Sonia Adal da Costa

Revisão - Aulas Particulares - Digitação

Tel.: (11) 2796-5716 - portsonia@ig.com.br

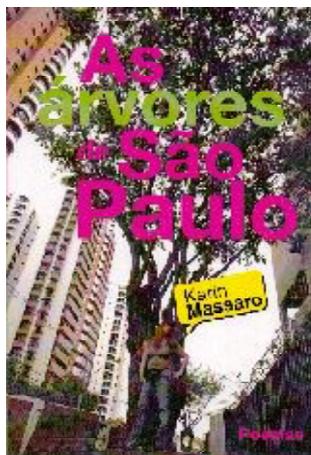
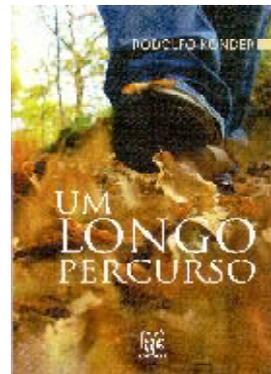
Livros

Um Longo Percorso, de Rodolfo Konder, RG Editores, São Paulo, SP, 140 páginas.

O autor é escritor, jornalista, professor, diretor representante da Associação Brasileira de Imprensa em São Paulo e membro do Conselho Municipal de Educação.

A obra reúne fotos históricas do acervo do autor entrevistando personalidades, ex-presidentes e intelectuais; imagens de escritores, artistas, intelectuais, músicos, atores, familiares, da época em que esteve exilado, de entrevistas publicadas em jornais, entre outras historicamente importantes.

RG Editores: www.rgeditores.com.br



As Árvores de São Paulo, de Karin Massaro, Scortecci Editora, São Paulo, SP, 100 páginas.

Karin Massaro - Karin Schmidt Rodrigues Massaro - é médica hematologista, poeta, cronista, mestre e doutra pela USP. Foi agraciada com a obra *Amore Hepatite Vira!* pela Câmara Brasileira de Jovens Talentos.

A obra foi prefaciada pela presidente da REBRA, Joyce Cavalcante. A autora utiliza a poesia com o um vigoroso canal de expressão e constrói seus textos combinando com destreza e habilidade dois universos díspares. Parte da força dos seus versos reside no uso de termos os relacionados ao seudia a dia na medicina.

Assessoria de Imprensa: Guilherme Loureiro. Tel.: (11) 2291-5452. Cel.: (11) 99133-4453. guilhermeloureiro.imprensa@gmail.com

Livraria Asabeça: www.livrariaasabeça.com.br

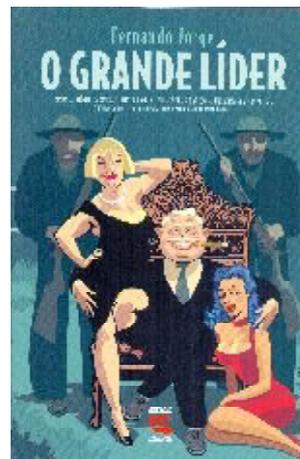
O Grande Líder, de Fernando Jorge, Geração Editorial, São Paulo, SP, 336 páginas.

O autor é escritor, colunista de um a rede de 40 jornais, produtor, jornalista e participante do programa *Quebrando a banca* do com unicador Raul Jafet. Exerceu o cargo de diretor da Divisão Técnica da Biblioteca da Assembleia Legislativa de São Paulo.

A obra é um romance satírico, bárbaro e picaresco, escrito pelo colaborador d *O TREM* Fernando Jorge. Foi lançada em primeira em 1970.

O Grande Líder é uma sátira vitoriosa contra os políticos corrrptos do Brasil.

Geração Editorial: www.geracaoeditorial.com.br



LINGUAGEM VIVA

www.linguagemviva.com.br

Consulte nossa tabela de preços

Linguagemviva@linguagemviva.com.br

Tel.: (11) 2693-0392 - 97358-6255



Murilo Mendes

A Obra Completa de Murilo Mendes, poeta e prosador (Juiz de Fora - 13 de maio de 1901 - Lisboa - 13 de agosto de 1975), será reeditada pela Editora Cosac Naify. Uma antologia poética, organizada por Júlio Castañon Guimarães, da Fundação Casa de Rui Barbosa, e por Murilo Marcondes de Moura, professor de literatura brasileira na Universidade de São Paulo, será lançada em agosto.

Sonia Salles foi agraciada com o *Prêmio de Excelência Literária*, outorgado pela REBRA-Rede de Escritoras Brasileiras. A láurea foi entregue no dia 8 de março no evento comemorativo dos 15 anos de fundação da REBRA.

A Escola do Escritor promoverá o curso *A Linguagem Cinematográfica e a Linguagem Literária*, ministrado por Bianca Nóbrega da Silva, no dia 19 de maio, das 16 às 21 horas, no Espaço Scortecchi, Rua Dep. Lacerda Franco, 96, em São Paulo. www.escoladoescritor.com.br

Clichês Brasileiros, edição fac-similar, de Gustavo Piqueira, Ateliê Editorial, que reúne imagens de um catálogo brasileiro de clichês tipográficos do início do século XX do Catálogo de clichês de D. Salles Monteiro, foi agraciado com o prêmio *2014 IF Design Awards*.

A 2ª Edição da Bial Brasil do Livro e da Cultura, que será realizada de 12 a 21 de abril, em Brasília, terá como homenageados Ariano Suassuna e o uruguaio Eduardo Galeano.

Raquel Naveira foi entrevistada pelo programa *Diálogo Nacional* que é apresentado por Ruy Altenfelder. Ela falou sobre poesia e cultura e a entrevista está em www.dialogonacional.com.br/

O 19º Congresso de Leitura do Brasil, com o tema *Leituras sem margens* será realizado de 22 a 25 de julho na Unicamp, em Campinas (SP). Informações e inscrições: www.cole-alb.com.br

Pepetela, escritor angolano, lança, no Brasil, o romance *O tímido e as mulheres* pela Editora Leya.

O perfeito cozinheiro das almas deste mundo, diário de Oswald de Andrade, foi lançado pela Biblioteca Azul. A obra, um livro negro que ficava localizado na entrada do apartamento da rua Libero Badaró, reúne reflexões, recados, poemas, desabafos, ideias, caricaturas, recortes, piadas, provocações, reportagens e diversas colagens registradas pelos importantes frequentadores da casa.

A Academia Carioca de Letras empossou os novos membros da diretoria que será presidida por Ricardo Cravo Albi e terá Cláudio Murilo Leal como vice-presidente. Diretoria: Adriano Espínola (1º secretário), Miriam Halfim (2º secretário), Edir Meirelles (tesoureiro), Teresa Cristina Meireles de Oliveira (diretora da Biblioteca) e Paulo Roberto Pereira (diretor da Revista).

Casa-Grande & Senzala, de Gilberto Freyre, foi lançada uma edição comemorativa dos 80 anos do livro pela Global Editora.

O 15º Prêmio Literário Escritor Universitário "Alceu Amoroso Lima" (*Tristão de Ataíde*), promovido pelo CIEE em parceria com a Academia Brasileira de Letras, destinado a estudantes universitários, está com inscrições abertas até 30 de abril. www.ciee.org.br/porta/institucional/premio/abl/regulamento13.asp

Manuel Munive Maco, crítico de arte peruano, proferirá palestra na Casa da Xilogravura no dia 15 de março, às 16 horas, em Campos do Jordão. Manuel também é o curador da exposição de artistas peruanos, evento realizado com a iniciativa do Consulado Geral do Peru em São Paulo.

Notícias

O Dicionário Multilíngue de Regência Verbal, organizado pelas professoras Cláudia Xatara, Cláudia Zavaglia e Rosa Maria da Silva, da Unesp de São José do Rio Preto, foi lançado pela Editora Unesp. O volume reúne 1.200 verbos de português brasileiro e equivalências em seis idiomas: alemão, espanhol, francês, inglês, italiano e japonês. www.unesp.br

O IX Festival de Literatura de Poços de Caldas - Flipoços -, que será realizado de 26 de abril a 04 de maio, em Poços de Caldas, MG, terá como patrono o poeta Ferreira Gullar e, como temas, *A Cultura Popular na Arte da Literatura e 50 anos do Golpe Militar*. www.feiradolivropocosedecaldas.com.br

Tríduo Pascal - Lectio Litúrgica, de Johannes Paul Abrahamowicz, foi lançada pela Editora Ave-Maria. A obra ensina a importância da quaresma e da semana santa e como o católico se prepara para as comemorações.

A Barsa disponibiliza serviço por assinatura de sua versão digital, para as escolas, que conta com mais de 160 mil verbetes e atualizações semanais. <http://www.britannica.com.br/>

Manuel Jorge Marmelo, com *Uma mentira mil vezes repetida*, foi agraciado como *Prêmio Correntes d'Escritas/Casino da Póvoa*, que é promovido pela Câmara da Póvoa de Varzim, Portugal, com a importância de € 20 mil.

O Jornal Aldrava Cultural foi reconhecido pela IWA - International Writers and Artists Association - como o MELHOR (The Best) JORNAL DE POESIA SINTÉTICA DE 2014 do BRASIL!

Bia Vilella lançou, pela Paulinas Editora, *Os músicos de Bremem*, adaptação do famoso conto dos irmãos Grimm, e *Cada galho com seu macaco*, obra que estimula a capacidade interpretativa da criança e trabalha os recursos onomatopáicos.

A Quinta Cult de 2014 será realizada todas as quintas-feiras de cada mês, no período de março a Julho, com eventos no Shopping Mont Serrat, no Restaurante Arte do Churrasco e Ninho da Roxinha e no Restaurante "Muqueca Cultural", em Serra (ES). O projeto é coordenado por Clério José Borges, Marcos Arrébola, Levi Basílio, Albérico Nunes, Edilson Celestino Ferreira, Paulo Negreiros, Teodorico Boa Morte e a Cineasta Suzi Nunes.

A Panamerica Livraria, loja virtual, foi inaugurada com o lançamento dos e-books *Palmares e o Coração*, de Hermilo Borba Filho, e *Americano Amar América - Poema em 3 Dimensões*, de Juarez Correira, Alberto Vivar Flores e Roberto Portella. www.panamericallivraria.com.br

A História da Arte, primeira edição de bolso do livro de Ernst Gombrich, foi lançada pela LTC Editora.



Cupom de Assinatura

Assinatura Anual: R\$ 70,00

Assinatura Semestral: R\$ 35,00

Nome: _____

Endereço: _____

Cidade: _____

Estado: _____ Tel.: _____

E-mail: _____

Depósito: Banco Itaú - Rosani Abou Adal ME -
agência: 0211- conta: 67518-6 - CNPJ: 61.831.012/0001-52

Envie cheque nominal ou vale postal à Rua Herval, 902
São Paulo - SP - 03062-000 - Tel.: (11) 2693-0392

Cel.: 97358-6255 - linguagemviva@linguagemviva.com.br

